

Chinese Library Classification (CLC): outra classificação, outra ideologia¹

Nathalia Pacifico Rafagnin²

Chinese Library Classification (CLC): another classification, another ideology

Resumo

O estudo de sistemas de classificação bibliográfica de origem asiática é pouco explorado na literatura científica no Brasil, mesmo possuindo um legado impressionante e com possíveis influências no ocidente. A China, possui um histórico de mais de dois mil anos de estudos relacionados à organização do conhecimento e foi fundamental para preservar a história do país como conhecemos hoje. Este artigo busca apresentar e dar visibilidade à história das classificações na China; destacar as influências que culminaram na *Chinese Library Classification* (CLC) - uma das mais bem avaliadas classificações bibliográficas atualmente; verificar as nuances ideológicas presentes na CLC; compreender uma forma de visualizar a organização do conhecimento para além da estrutura ocidentalizada e; comparar brevemente com a CDD. Para alcançar o resultado desse estudo, utilizamos o método de pesquisa bibliográfica, com caráter exploratório. Conclui-se que a CLC possui influências da ideologia de Marx, Lenin, Mao Tsé-Tung e Deng Xiaoping, dando forma a um posicionamento político de esquerda sobre a organização do conhecimento, algo pouco conhecido ou debatido em países ocidentais quando o assunto é classificação de bibliotecas.

Palavras-chave: Classificação. CLC. CCL. CDD. Organização do conhecimento. China.

Abstract

The study of bibliographic classification systems of Asian origin is little explored in the scientific literature in Brazil, even though it has an impressive legacy and with possible influences in the West. China has a history of over two thousand years of studies related to the organization of knowledge and was instrumental in preserving its history as we know it today. This article seeks to present and give visibility to the history of classifications in China; highlight the influences that culminated in the Chinese Library Classification (CLC) - one of the best evaluated bibliographic classifications today; verify the ideological nuances present in the CLC; understand a way of visualizing the organization of knowledge beyond the westernized structure and compare briefly with the CDD. To achieve the result of this study, we used the bibliographic research methodology, with an exploratory character. It concluded that the CLC is influenced by the ideology of Marx, Lenin, Mao Zedong,

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Rodrigo de Sales

² Aluna do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

and Deng Xiaoping, giving shape to a left political position on the organization of knowledge, something little known or debated in Western countries when it comes to the classification of libraries.

Keywords: Classification. CLC. CCL. DDC. Knowledge organization. China.

1 INTRODUÇÃO

Com a criação da escrita, a relação do homem com o conhecimento se transformou expressamente. Os saberes deixaram de ser transferidos por meio da tradição oral e passaram a utilizar uma forma mais concreta de transmissão, adotando o registro como uma espécie de existência do conhecimento para a posterioridade. No entanto, o surgimento dos registros e o avanço do conhecimento fizeram surgir uma nova necessidade, a organização e o armazenamento correto desses materiais, a fim de permitir o acesso pelas gerações futuras.

A classificação, enquanto ação de organizar por meio da formação de classes de elementos que se assemelham, pode ser compreendida como uma atividade que permeia a história cotidiana dos seres humanos. Desde os primórdios da vida em sociedade, essa prática vem sendo empregada para contribuir com a organização das coisas e das ideias. Separar os alimentos comestíveis dos não comestíveis, saber de quais animais fugir, mesmo que praticadas mentalmente, são formas simples de classificação.

No viés bibliográfico, a classificação:

[...] determina o assunto principal do documento e algumas vezes alguns assuntos secundários. Estes assuntos serão traduzidos para as palavras apropriadas da linguagem documental. Em algumas bibliotecas não especializadas, a classificação é a única forma de descrição de conteúdo utilizada. Para tal, utilizam-se os sistemas de classificação enciclopédicos ou muito gerais. O objetivo é classificar as informações de acordo com um número restrito de categorias e ordenar os fichários de forma a se encontrar rapidamente o documento que contém estas informações (GUINCHAT; MENO, 1994, p.31).

Sousa e Fujita (2013) ressaltam que a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), são os instrumentos de apoio mais utilizados no Brasil durante o processo de classificação. Enquanto na China, o sistema de classificação *Chinese Library Classification* (CLC), o último de uma longa linhagem de sistemas de classificações criados, é o favorito

nacional para apoiar os processos de organização do conhecimento (PRICE, 2012; ZHANG, 2003).

Compêndios referentes às classificações bibliográficas, tais como os de Barbosa (1969), Foskett (1973) e Piedade (1983), e também estudos de historiadores das classificações de bibliotecas, como aqueles citados por Sales (2017), a saber: K. F. Leidecker, E. E. Graziano, L. E. La Montagne, W. A. Wiegand e H. Olson, corroboram com a ideia de que o desenvolvimento dos sistemas de classificações no ocidente se deu fortemente por influência das classificações desenvolvidas nos Estados Unidos e na Europa ocidental, na marcada virada do século XIX para o século XX. Assim, classificações como a CDD, a CDU e a Classificação da *Library of Congress* ocupam um protagonismo sem igual na história das classificações ocidentais e nos estudos de classificações em países como o Brasil.

Dado o pouco, ou quase nenhum, conhecimento que temos a respeito das classificações asiáticas, em especial sobre a *Chinese Library Classification* (CLC), esse trabalho busca levantar os aspectos principais desta classificação, tendo como objetivo principal apresentar e analisar a principal classificação bibliográfica chinesa, a CLC.

A fim de alcançar o objetivo geral proposto, foram estipulados os seguintes objetivos específicos:

- a) contextualizar a história da classificação no ocidente;
- b) apresentar a história da classificação bibliográfica na China;
- c) levantar os principais aspectos da *Chinese Library Classification* (CLC)
- d) comparar brevemente a CLC e a CDD.

A justificativa pessoal de escolha por essa pesquisa partiu de assuntos que chamam a atenção da autora, tais como curiosidade sobre a cultura asiática e sua visão de mundo e a compreensão da China como um país em ascensão no cenário internacional. O interesse no sistema de classificação bibliográfica da China se deve ao fato de que pouco se estuda e pouco se sabe no mundo ocidental a respeito do desenvolvimento classificatório na Ásia, especialmente na China, país de expressiva ascensão no cenário internacional. No estudo de biblioteconomia no Brasil, existe um foco muito grande da concepção de

sistemas europeus e americanos, invisibilizando a contribuição asiática. No viés técnico-científico, a pesquisa justifica-se por conta da sua relevância no meio acadêmico visto que trará contribuições para o debate sobre a classificação bibliográfica ocidental e oriental.

Em última análise, esta pesquisa procura apresentar a classificação *Chinese Library Classification (CLC)* para diversificar o estudo sobre classificações no Brasil e trazer uma outra perspectiva da organização do conhecimento fora do eixo América do Norte - Europa. Para isso, a pesquisa realizada foi de caráter exploratória. Na visão de Triviños (1987, p. 109), os estudos exploratórios [...] permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. No que diz respeito à abordagem para alcance de seus objetivos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Strauss; Corbin (2008), uma pesquisa qualitativa é

[...] qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interações entre nações. (STRAUSS; CORBIN, 2008, p.23).

Tocante aos procedimentos adotados, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, pois, conforme indicado por Lakatos e Marconi (2010), uma pesquisa bibliográfica consiste em buscar suas respostas na bibliografia já publicada em relação a determinado assunto, tais como livros, monografias, teses, periódicos etc. (LAKATOS.MARCONI, 2010).

2 REFERENCIAL HISTÓRICO E CONCEITUAL

A presente seção aborda os aportes históricos e conceituais que fundamentam a pesquisa e estão distribuídos nas seguintes subseções: A classificação no ocidente: muito brevemente; A classificação na história da China e; Surgimento da CLC.

2.1 A classificação no ocidente: muito brevemente

O desenvolvimento do conhecimento acompanhado pelo aperfeiçoamento das práticas humanas em diferentes localidades deu lugar

para diferentes perspectivas de mundo, influenciadas, por sua vez, pelo o meio em que viviam os grupos de pessoas que compartilhavam da mesma sociedade.

Na Grécia Antiga, onde se pode considerar que houve um apogeu do conhecimento e da produção intelectual na história do pensamento ocidental, a classificação era, muito provavelmente, a forma mais marcante para se compreender e explicar as coisas do mundo concreto e abstrato. A literatura, normalmente, dá especial destaque a essa prática classificatória vinda deste tempo. (BARBOSA, 1969; FOSKETT, 1973; LANGRIDGE, 1977; PIEDADE, 1983).

Campos (1973, p. 17) afirma que a:

[...] classificação, entendida como processo mental de agrupamento de elementos portadores de características comuns e capazes de ser reconhecidos como uma entidade ou conceito, constitui uma das fases fundamentais do ser humano.

Dentro desse processo, vários filósofos criaram vertentes diferentes de como classificar o conhecimento.

Na história das classificações, vista sob a ótica da filosofia, observam-se classificações realizadas nos mais variados níveis. Verifica-se o agrupamento dos saberes tanto em uma perspectiva mais abrangente, como na divisão das disciplinas realizadas por Platão (Física, Ética e Lógica) e por Aristóteles (disciplinas teóricas, práticas e poéticas), quanto em uma perspectiva mais individualizante, como nas categorias fundamentais de Aristóteles (categorização do que pode se saber a respeito de um ente) e na árvore de Porfírio (consolidação da divisão dicotômica). (SALES, 2017).

Embora fossem diferentes as propostas de cada filósofo, por exemplo, enquanto Platão se ocupava com a organização do mundo abstrato das ideais, Aristóteles pretendia descrever o mundo sensível das coisas concretas, no legado de ambos pensadores estão visíveis alguns elementos pioneiros na lógica classificatória (SALES, 2017, p. 189).

Durante o período medieval, a amplitude do conceito de escola passou por uma constante evolução, chegando, por volta do século XI, primeiramente no Oriente Médio e posteriormente na Europa, a dar os contornos iniciais ao conceito de universidade. No contexto universitário europeu, por exemplo, a organização do ensino era fortemente inspirada pelos conceitos da Trilogia

Grega, dividindo as disciplinas em dois grupos principais: Trivium e Quadrivium. Trivium se referia às Artes ou Ciências Sermonais, englobando gramática, dialética e retórica; Quadrivium se referia às Ciências Reais como geometria, aritmética, astronomia e música (PIEDADE, 1983).

Porém, a classificação filosófica que mais influenciou o universo das classificações bibliográficas foi criada por Francis Bacon (1561-1626), que desenvolveu uma classificação daquilo que poderia ser aprendido e ensinado no mundo do conhecimento com base nas faculdades mentais humanas da Memória, da Imaginação e da Razão. A classificação baconiana, publicada em 1605, tornou-se base e inspiração para as mais influentes classificações bibliográficas, entre elas, as classificações de Harris (1870), de Dewey (1876), Classificação Universal e Classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Nesse sentido, observa-se uma classificação filosófica sendo adotada como base teórica para atender ao caráter organizacional das classificações bibliográficas (PIEDADE, 1983).

As classificações bibliográficas, diferentemente das classificações filosóficas, não se preocupam exclusivamente com a organização conceitual dos assuntos sob uma ótica abstrata, mas também com a materialidade dos assuntos registrados nos documentos, afinal, o caráter pragmático das classificações de bibliotecas cumpre o duplo papel de organizar e recuperar documentos (PIEDADE, 1983).

Segundo Piedade (1983), a classificação bibliográfica pode ou não ser influenciada por uma classificação filosófica e/ou científica. Ainda, segundo a autora, as classificações bibliográficas, em virtude das características próprias aos documentos, além das divisões do conhecimento, exigem:

1. uma classe que reúna as obras sobre todos os assuntos, subdividida pela forma do documento;
2. subdivisões de forma, aplicáveis aos vários assuntos;
3. uma notação, isto é, um conjunto de símbolos para representarem os assuntos e permitir a ordenação lógica dos documentos;
4. um índice, para facilitar a consulta (PIEDADE, 1983, p.66).

Em 1876, nos Estados Unidos, foi publicado a que se tornaria a mais influente entre as classificações bibliográficas, a Classificação Decimal de Dewey (CDD). Melvil Dewey (1851-1931), inspirado pela divisão do conhecimento humano criado por William Torrey (que por sua vez, foi inspirado na classificação de Bacon), foi o primeiro a criar uma classificação que utilizava números decimais para símbolos de classificação aplicáveis aos próprios documentos, o primeiro a empregar largamente divisões paralelas e parece ter sido o primeiro a empregar o princípio de divisão por transferência (PIEDADE, 1983, p. 73).

Atualmente, existem 23 edições da classificação de Dewey.

2.2 A classificação na história da China

A organização do conhecimento na China não é algo novo, como seria de se esperar de uma civilização que possui mais de três mil anos de tradição. A China é conhecida pela sua cultura milenar e sistemas rígidos regidos pela influência do confucionismo em sua sociedade. Muitos sistemas criados por acadêmicos chineses podem ter influenciado outros pensadores, mas a contribuição chinesa nas classificações em bibliográficas ocidentais tornou-se invisível.

De acordo com Tsien (1952), os registros tradicionais apontam o próprio Confúcio (551-479 a.c.) como o primeiro editor a compilar os registros literários de seu tempo em seis livros: o Livro das Mutações, o Livro dos Documentos, o Livro da Poesia, o Livro dos Rituais, o Livro dos Anais e o Livro da Música. Essa influência de Confúcio na classificação continuou por milênios, pois os próximos a criarem diferentes classificações incorporariam essa divisão de Confúcio sob a nomenclatura de Clássicos.

Na história da China, houve dois formatos desenvolvidos que foram recriados e modificados conforme a necessidade do período. A primeira foi o sistema Sétuplo, *Qi Bu*, que influenciou acadêmicos entre 26a.c. até 523d.c. E a classificação Quádrupla, *Xin Bu*, utilizada até o final do século dezoito (TSIEN, 1952).

A primeira tentativa do desenvolvimento de uma classificação adotada oficialmente pelo império foi realizada para a biblioteca da dinastia Han, 1500 anos antes de Conrad Gesner criar a Bibliotheca Universalis. Criada por Liu Hsiang (80- 8a.c) e seu filho Liu Hsin, chamada Sete Elementos (*Qi Lüe*), seria a

primeira classificação Sétupla, constituída de 7 classes com 38 divisões. O seu surgimento foi um resultado direto de um grande incêndio que atingiu as documentações históricas existentes, até então, depois que o Primeiro Imperador subiu ao poder em 213a.c. Obras de grande valor histórico foram perdidas, como clássicos confucionistas e de outros filósofos, documentos e histórias de outros impérios. Depois do ocorrido, houve uma preocupação generalizada em restaurar e proteger o que foi perdido pelas chamas, e essa preocupação se tornaria um padrão (TSIEN, 1952).

Quadro 1 – Primeira classificação Sétupla (Qi Bu), criado por Liu Hsiang e Liu Hsin.

1. Sumário Geral
2. Clássicos
 - Livro das Mutações
 - Livro dos Documentos
 - Livro da Poesia
 - Livro dos Rituais
 - Livro dos Anais
 - Analectos de Confúcius
 - Livro da Piedade Filial
 - Filologia Clássica
3. Filosofia
 - Confucianistas
 - Taoistas
 - Astrologistas
 - Legalistas
 - Lógicos
 - Moístas
 - Diplomatas
 - Sincretistas
 - Agriculturalistas
 - Novelistas
4. Poesia
 - Poesia em prosa (em três partes)
 - Estilos variados
 - Canções e baladas

- 5. Ciência Militar
 - Táticas
 - Terreno
 - Princípios negativos e positivos
 - Estratégia
- 6. Ciência e Ocultismo
 - Astronomia
 - Cronologia
 - Lei dos cinco elementos
 - Divinação
 - Supertições diversas
 - Geomancia
- 7. Medicina
 - Clássicos Médicos
 - Farmacologia
 - Sexologia
 - Longevidade

Fonte: Adaptado de Tsien (1952, p.309).

Essa classificação foi usada como base, porém modificada por Pan Ku em 82d.c. Pan Ku foi o primeiro a registrar todos os livros em existe durante e depoisdo período da Dinastia Han (TSIEN, 1952).

Quadro 2: Modificação da classificação Sétupla feita por Pan Ku.

| | |
|---------------------|--|
| <i>Liu Yi Lüe</i> | Os seis clássicos chineses e os trabalhos de Confúcio |
| <i>Zhu Zi Lüe</i> | Trabalhos filosóficos de outras escolas além do confucionismo |
| <i>Shi Fu Lüe</i> | Poemas e outros trabalhos literários |
| <i>Bing Shu Lüe</i> | Trabalhos de estudos militares |
| <i>Shu Shu Lüe</i> | Matemáticas e astronomia |
| <i>Fang Ji Lüe</i> | Medicina, artes, etc. |
| <i>Ji Lüe</i> | Sumários de todos os trabalhos coletados pela biblioteca real. |

Fonte: Adaptado de Tsien (1952, p.310).

O trabalho de *Qi Lüe* influenciou as classificações que viriam depois, até a criação da classificação Quádrupla, chamada de *Xin Bu*. A *Xin Bu* foi o sistema de classificação criado por Zheng Mo, o oficial responsável pela biblioteca imperial Wei, em 270 D.C. Essa classificação consistia em 4 classes, conhecida como *Chung Ching*, ou “cânone médio”, compilava 235 catálogos da coleção imperial. A sua versão comprimia classes da Sete Elementos (*Qi Lüe*) (TSIEN,1952).

Quadro 3: Sistema de classificação *Xin Bu*.

| | |
|------------|--|
| Classe I | Confucionismo e filologia |
| Classe II | Filosofia, estudos militares e matemáticas |
| Classe III | História |
| Classe IV | Trabalhos literários |

Fonte: Adaptado de Tsien (1952, p.312).

Foi adotada largamente por bibliotecas privadas e bibliotecas de membros da realeza chinesa durante os períodos das dinastias Tang (618 - 907d.c.) e Song (960- 1779d.c). De acordo com Tsien (1952) o sistema Quádruplo adotado para as bibliografias oficiais das sucessivas dinastias tornou-se uma tendência principal no desenvolvimento da classificação chinesa (TSIEN,1952).

Nesse período, possivelmente a influência chinesa teria ultrapassado o território nacional e excedido para o ocidente. Não existem comprovações sobre a existência real de uma conexão entre a classificação Quádrupla e a divisão de conhecimento criadas por diferentes filósofos europeus como Francis Bacon e, inevitavelmente, W.T. Harris (TSIEN, 1952). Entretanto, nota-se uma semelhança entre os conceitos chineses com a produção desses respectivos autores. Tsien (1952) aponta que as três faculdades humanas de memória, imaginação e razão sob a divisão de “História”, “Poesia” e “Filosofia” são quase idênticas a divisão chinesa Quádrupla. Com exceção, dos clássicos, que é uma divisão dedicada totalmente a obras chinesas e conseqüentemente não faria sentido em uma disposição ocidental. Essa teoria é alimentada pelo fato de manuscritos de Bacon apresentarem interesse e conhecimentos sobre a China como: referências sobre a produção de papel na China, uso de ideogramas chineses, a menção de Bacon ao método de produção de porcelana chinesa mencionado em seu trabalho *Novum Organum* e a menção ao material militar chinês em seu ensaio *Of Vicissitude of Things*, além de outras menções (TSIEN, 1952). Esses fatos sugerem que os conceitos e sistemas de classificação chinês poderiam ter sido de conhecimento de Bacon, já que o contato entre Europa e China foi estabelecido alguns séculos antes e viajantes europeus e missionários para aquela da Ásia se tornara recorrente.

Porém, assim como a classificação de Liu Hsin, a versão de Zheng Mo

teve várias revisões feitas por outros acadêmicos. Entre elas, a classificação Os Quatros Tesouros (*Si Ku Quan Shu*), composta por Ji Xiaolan em 1773. Com a ajuda de mais três especialistas, e cada um assumindo uma das quatro divisões, foram responsáveis por compilar 36,275 volumes mais 10,274 trabalhos incluídos em um catálogo anotado. Foram necessários dez anos para chegar ao resultado final (TSIEN, 1952).

Quadro 4: Classificação Os Quatro Tesouros

CLÁSSICOS

Livro das Mutações;
Livro dos
Documentos; Livro da
Poesia;
Livro dos Rituais
(7); Livro dos Anais;
Livro da Piedade
Filial;
Clássicos em geral;
Quatro Livros;
Música Sagrada;
Filologia Clássica (3)

HISTÓRIA

Histórias
Dinásticas; Anais;
Registros Tópicos;
Histórias
Separadas; Histórias
diversas;
Documentos oficiais;
Biografias;
Registros Históricos;
Registros
Contemporâneos;
Cronografia;
Geografia;
Repertórios
Oficiais;
Instituições;
Bibliografias;
Críticas históricas;

FILOSOFIA

- Confucionistas
- Ciência Militar
- Legalistas
- Agriculturalistas
- Medicina
- Astronomia e Matemáticas
- Ocultismo
- Belas-Artes
- Repertório da ciência, etc.
- Escritores diversos
- Enciclopédias
- Novelistas
- Budismo
- Taoísmo

BELLES-LETTRES

- Elegias de Chu
- Coleções Individuais
- Antologia Geral
- Críticas Literária
- Músicas e dramaturgia

Fonte: Adaptado de Tsien (1952, p.313).

Além de algumas atualizações nas divisões, a classificação Quatro Tesouros (*Si Ku Quan Shu*) trouxe algumas inovações, como a utilização de cores no encadernamento das coleções, sendo verde para clássicos, vermelho para história, azul para filosofia e marrom para literatura. O uso desse sistema foi utilizado durante todo século dezoito e foi a responsável por criar uma padronização de uma única classificação na maioria das bibliotecas chinesas (TSIEN, 1952). Wenxiao Zhang (2003) considera a criação de Ji Xiaolan o apogeu do sistema Quádruplo. Era bom para acomodar materiais antigos chineses e o conhecimento já adquirido, mas com a chegada de um novo século, a classificação Quatro Tesouros começou a receber críticas.

Para os bibliógrafos do final do século dezoito, o esquema da classificação era muito limitado para acomodar coleções em crescimento, principalmente por relegar assuntos principais em subcategorias, e colocar muitos assuntos sob a mesma categoria, não por sua correlação, mas somente com o propósito de obedecer às quatro categorias existentes. Tanto o mundo, quanto a China, estavam produzindo mais conhecimento e a falta de categorias

para adicionar esses novos e importantes tópicos se tornara insustentável. Outro grande problema era a ausência de notação (TSIEN,1952).

Várias tentativas de modificações começaram a ganhar força e muitos bibliográficos tentaram achar outras alternativas para continuar a tradição de utilizar o sistema de classificação Quádruplo com algumas adaptações, principalmente relacionadas aos materiais estrangeiros (TSIEN,1952). A mais importante foi publicada em 1932, mas usada desde 1908 na biblioteca provincial de Kiang Su. Porém, como explicado por Tsien (1952), a modificação criou uma quinta e sexta divisão, dedicadas a “Gazetas” e “Mapas”. Essa tentativa reforçou a ineficácia e obsolescência desse modelo de classificação.

A virada para o século vinte e a grande abertura da China para missionários trouxe consigo sistemas de classificação estrangeiros para o país (TSIEN,1952). Conforme Zhang (2012, p.3, tradução nossa): “[...] missionários cristãos introduziram o sistema de classificação decimal de Dewey, a CDD. Façanha que logo foi adotada por bibliotecas universitárias chinesas para classificar as crescentes coleções estrangeiras.” Tsien (1952) comenta que a indicação surgiu do Dr. Bolton, de Boston Athenaeum, aplicando especificamente na biblioteca Filial do norte da China da Sociedade Real Asiática de Shangai. Tsien (1952) também explica que juntamente com a CDD, foi utilizado a tabela de Cutter. Mesmo não atraindo interesse imediato até 1909, houve algumas tentativas mais tarde de usar a CDD como base para acomodar também os materiais chineses, como em 1917, Shen Zurong e Hu Qing Sheng que compilaram o primeiro sistema decimal chinês chamado *Fang Dewey Shi Jian Fen Lei Fa*. Porém, essas tentativas de absorção da CDD com o material chinês se tornaram insustentável. “Mesmo que esse método tenha sido criado para biblioteca chinesas, dava posições menores para importantes tópicos chineses enquanto o esquema principal foi aplicado relativamente a pouco material” (Tsien, 1952, p.318).

Essas modernizações não surgiram por um mero acaso, elas foram incentivadas, segundo Price (2012, p.2), pela destituição do imperador Puyi em 1912 pela onda de revolução inspirada pela introdução do modelo civilizatório do ocidente. Cheng(1991, **apud PRICE, 2012, p.2**) conta que essa aproximação com o ocidente contribuiu, com o patrocínio da Associação Americana de

Bibliotecas e missionários da América, a formar a *New Library Movement*. Esse movimento contribuiu para a abertura de *Library Schools* em toda parte do país. Esses avanços só perderam força com a limitação imposta pela invasão japonesa na China em 1937, trazendo confusão e atraso para a continuidade de desenvolvimento durante o período.

2.3 Surgimento da CLC

Com o final da segunda guerra mundial e a rendição japonesa, o Japão retira suas tropas da China em 1945. Porém:

O fim da combalida dinastia Qing, a fundação da frágil República da China em 1912, uma intensa disputa pelo comando do país entre nacionalistas do Kuomintang e comunistas do Partido Comunista chinês, seriam fatores que comprometeriam a estabilidade doméstica e a unidade nacional. A China só poderia “respirar” após o sucesso da Revolução Chinesa e a fundação da República Popular da China, em 1949, tendo o Partido Comunista chinês vencido os nacionalistas na disputa pelo comando do país, e esses últimos se retirado para a ilha de Taiwan. Nas décadas posteriores à fundação da República Popular, o Partido Comunista chinês se ocupou da tarefa de reconstruir o país e fazer uma nova China, seguindo o objetivo de construir uma China socialista e moderna. (SOUZA, 2017, p. 134).

Zhang (2003) aponta que depois de anos de turbulência, surgiu a necessidade crescente de uma nova e compreensiva classificação, e entre 1953 e 1959 foram compilados alguns esquemas de classificação como: Classificação Bibliográfica para a Universidade Renmin da China, de 1953; Esboço de Classificação Bibliográfica para Bibliotecas de Pequeno e Médio porte, de 1957; Classificação Bibliográfica da Academia Chinesa de Ciências, primeira edição de 1958, e Classificação Bibliográfica da Universidade de Wuhan, de 1959.

O sucesso da aplicação do Projeto de Classificação para Bibliotecas de Pequeno e Médio porte (**Figura1**), providenciou uma base sólida de fundação para o surgimento de uma futura e melhorada classificação. É importante notar que a esquematização dessa classificação também encontrou inspiração na classificação soviética Esboço da Classificação Bibliográfica da União Soviética de 1955 (ZHANG, 2003).

Figura1: Esboço de Classificação Bibliográfica para Bibliotecas de Pequeno e Médio porte, de 1957

| Draft Chinese Classification for Small and Medium Libraries (1957) | |
|---|---------------------------------|
| A | Marx-Leninism |
| B | Philosophy |
| C | Social Sciences |
| D | History |
| E | Economy |
| F | Politics |
| G | Law |
| H | Culture and Education |
| J | Language |
| K | Literature |
| L | Arts |
| M | Religion, Atheism |
| N | Natural Sciences |
| P | Mathematics, Physics, Chemistry |
| Q | Geology and Geography |
| R | Biology |
| S | Medicine |
| T | Agriculture |
| U-V | Technology |
| Z | Comprehensive Works |

Fonte: Adaptado de Zhang (2003, p.11).

O nascimento da *Chinese Library Classification* (CLC) ou *Chinese Classification for Library* (CCL) começou em 1960, antes da Revolução Cultural, quando houve interesse em construir um sistema de classificação nacional (PRICE, 2012). Entretanto, esse não foi o trabalho de uma pessoa só. A Secretaria Administrativa da Cultura e a Biblioteca Nacional da China selecionou especialistas bibliotecários e cientistas da informação de trinta e seis bibliotecas de todos os cantos do país para elaborar esse novo e único

sistema Chinês (PRICE, 2012). Apesar da compilação começar na década de 60, a primeira publicação oficial só aconteceria em 1975.

Essa demora para finalizar o projeto não se deu por dificuldades técnicas e sim por grandes turbulências políticas. O processo foi prejudicado pela Revolução Cultural. Dentre as ações mais importantes dirigidas por Mao Tsé-Tung está a Grande Revolução Cultural Proletária - GRCP iniciada em 1966 e encerrada com sua morte em 1976. Ela foi a forma de avançar a luta de classes nas condições da ditadura do proletariado contra as velhas classes exploradoras e o revisionismo nas suas ações contrarrevolucionárias com o objetivo de restaurar o capitalismo (SOUZA, 2018). Com isso, as bibliotecas tornaram-se máquinas de propagandas ideológicas ou simplesmente eram fechadas (PRICE, 2012). Zhang (2003) demonstra como esse período tornou-se controverso com algumas bibliotecas tentando incorporar classificação puramente baseada em opiniões políticas e vertentes ideológicas. Como a Biblioteca Providencial de Shangdong, que publicou sua classificação *New Book Classification*, onde países eram categorizados entre socialistas e capitalistas e criando sub categorias unicamente para separar ideologicamente.

Com esse viés, foi impossível que a ideologia deixasse de possuir um papel fundamental na orientação da CLC, mesmo com os editores dando o seu máximo para que a integridade científica não fosse prejudicada pelo radicalismo político. O primeiro princípio para a compilação da CLC era:

Usar o Marxismo, Leninismo e os pensamentos de Mao Tsé-Tung como guias ideológicos, usar o materialismo dialético e histórico como as fundações da editoração. Sua estrutura e arranjos de classes serão baseadas não só em conceitos científicos, mas também seu conteúdo político. E o segundo princípio assegura-se em: seguir os preceitos da classificação científica, adotar uma estrutura lógica de processamento do geral para o específico. (ZHANG apud CLC, 2003, p. 6, tradução nossa).

O sistema de classificação da CLC criado em 1975 é demonstrado no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5: *Chinese Library Classification system (CLC), 1975*

- (A) Marxismo, Leninismo e os Pensamentos de Mao Tsé-Tung
- (B) Filosofia
- (C-K) Ciências Sociais
- (C) (C) Ciências sociais: trabalhos em geral
- (D) Política
- (E) Militar
- (F) Economia
- (G) Cultura, Ciência, Educação e Esportes
- (H) Linguagem
- (I) Literatura
- (J) Artes
- (K) História, Geografia
- (N-X) Ciências Naturais
- (N) Ciências Naturais: trabalhos em geral
- (O) Matemática, Física e Química
- (P) Astronomia e Ciências da Terra
- (Q) Biologia
- (R) Saúde e Medicina
- (S) Ciência Agrícola
- (T) Tecnologia industrial
- (U) Comunicações e Transportes
- (V) Aviação e Aeronáutica Espacial
- (X) Ciências ambientais
- (Z) Obras Abrangentes

Fonte: Adaptado de Zhang (2003, p.7-8).

Pode-se observar que existe uma artificialidade na primeira classe principal A, que eleva o Marxismo, Leninismo e os pensamentos de Mao Tsé-Tung como uma classe. Substituindo a classe prioritária de Clássicos presentes em classificações anteriores a Revolução Comunista Chinesa. De acordo com Zhang (2003), essas diferenças tiveram base no que Mao acreditava refletir a natureza histórica dos problemas de classe entre o materialismo e idealismo, proletários e capitalistas, Marxismo e revisionismo e socialismo e capitalismo.

Outra característica notável da CLC, é sua distribuição diferenciada de Ciências Sociais e Ciências Naturais. Essa disposição baseasse fortemente na teoria do conhecimento de Mao Tsé-Tung, que tornou-se importante fundamento na criação de classificações bibliográficas. Mao (1966) reconhecia dois tipos de conhecimento. Um seria o conhecimento da luta humana para produção e meios de ganhos, e o outro seria conhecimento de luta de classes. Respectivamente, Mao identificava Ciências naturais em um, e Ciências sociais no outro. E filosofia seria a edificação geral e sumária dos dois conhecimentos em convergência. Zhang (2003) explica que dessa forma, a esquematização das classes A (Marxismo, Leninismo e pensamentos de Mao) e B (Filosofia) seguidos diretamente por Ciências Sociais demonstra a prioridade da natureza do proletariado sobre as relações sociais.

Com a criação do novo sistema de pronúncia do chinês como idioma em 1958, o *HanYu Pin Yin*, e a familiaridade com o alfabeto romano advinda desse evento, resultou em um novo tipo de notação criada para a CLC, enfraquecendo a influência da CDD na notação, por limitações que causava aos materiais em mandarim. Zhang (2003, p.9, tradução nossa) observa que “a notação da CLC foi construída para misturar o alfabeto romano e a numeração arábica seguindo princípios hierárquicos enumerativos”. Em seguida, o autor dá o exemplo da *Liga jovem do comunismo chinês* listada abaixo:

- D Política
 - 0 Teoria Política
 - 1 Movimentos comunistas internacionais
 - 2 Partido comunista chinês
 - 29 Liga jovem do comunismo chinês

Nesse sentido, a notação da CLC:

[...] emprega um sistema hierárquico que atribui o número de dígitos correspondente de acordo com o nível da

classe. Ele também usa outros métodos, como classificação octal, sistema de posições duplas, empréstimo de notação etc., para aumentar a expansão e flexibilidade do sistema de notação. Além disso, ele também usa alguns métodos de numeração, como numeração unificada, numeração correspondente e numeração nula para aprimorar os mnemônicos, a regularidade e a lógica da notação. (BU, 2019, *on-line*, tradução nossa).

Zhang (2003) compara a notação da CLC com a CDD, apontando a facilidade do arranjo da CLC para reconhecimento e memorização por sua estrutura lógica e relativamente curta, além de oferecer uma capacidade promissora de expansão. A escolha faz sentido com o movimento de democratização da educação criada por Mao Tsé-Tung, onde havia preferência em sistemas de fácil compreensão popular. Assim como, de acordo com Wang (1995) o método HanYu Pin Yin servia promover a padronização e popularizar do chinês a nível nacional, a CLC possuía os mesmos objetivos.

Até o presente momento, existem cinco edições com atualizações e ajustes. A morte de Mao Tsé-Tung, em 1976, resultou oficialmente no fim da Revolução Cultural e, em 1980, a segunda edição da CLC foi publicada. Essa edição começou a tradição de gradualmente revisar e eliminar entradas com forte inclinação política. Zhang (2003) destaca as principais mudanças em algumas entradas, como a adição do Direito juntamente com Política, que partiu de um reflexo da mudança social resultante do fim da era do Mao; a remoção da classificação dos antigos filósofos chineses como materialistas e idealistas, e acima de tudo, eliminar a obrigatoriedade de sempre classificar trabalhos individuais com base em opiniões políticas. Em 1989, a terceira edição foi publicada, e consigo trouxe um total de 8,118 alterações, incluindo adições, divisões, remoções, junções e mudanças nominais (Zhang, 2003, p.14). A quarta edição veio em 1999, e trouxe grandes mudanças com mudança da classe B para Filosofia e Religião, e a adição das teorias de Deng Xiaoping ao lado dos pensamentos de Mao Tsé-Tung na classe A. A edição mais recente da CLC foi publicada em 2010.

A seguir, no Quadro 6, apresenta-se a edição mais recente do sistema

de classificação da CLC.

Quadro 6: *Chinese Library Classification system (CLC)*

| |
|--|
| (A) Marxismo, Leninismo, os Pensamentos de Mao Tsé-Tung e Teorias de Deng Xiaoping |
| (B) Filosofia, Religião |
| (C – K) Ciências Sociais |
| (C) Ciências Sociais em geral |
| (D) Política, Direito |
| (E) Militar |
| (F) Economia |
| (G) Cultura, Ciência, Educação e Esportes |
| (H) Linguagem, Linguística |
| (I) Literatura |
| (J) Artes |
| (K) História, Geografia |
| (N – X) Ciências Naturais |
| (N) Ciências Naturais em geral |
| (O) Matemáticas, Química |
| (P) Astronomia e Ciências da Terra |
| (Q) Biologia |
| (R) Saúde e Medicina |
| (S) Ciência Agrícola |
| (T) Tecnologia industrial |
| (U) Transportes |
| (V) Aeronáutica, Astronáutica |
| (X) Ciências ambientais, Ciência da segurança |
| (Z) Obras de referência geral |

Fonte: Adaptado de BU (2019).

Oficializando a macro estrutura da CLC como:

Introdução: apresenta a teoria e os princípios de compilação, estrutura de classificação e sistema de notação, bem como uma breve descrição do processo de compilação e notas de revisão.

Tabela de classes principais: inclui uma lista de 22 divisões (classes principais), que demonstra as categorias disciplinares básicas e a ordem da sequência.

Tabela de classificação resumida: é composta pelas classes principais e classes secundárias, representando o quadro básico de classificação do CLC.

Corpo principal: inclui todos os níveis de classes e tabelas auxiliares específicas para determinadas classes. É a unidade básica para categorizar

e indexar documentos.

Corpo principal: Generalidade; Regiões internacionais; Regiões da China; Eras internacionais; Eras da China; Raças e nações mundiais; Grupos étnicos da China; Tempo universal, lugar e ambiente e pessoal. Oito tabelas auxiliares comuns no total.

Índice: uma ferramenta de recuperação para encontrar classes de nomes e notas, ordenados alfabeticamente.

Manual: o guia definitivo para explicar a teoria de compilação e tecnologia de CLC, regras e métodos de categorização de documentos e a orientação para o uso correto.

Seguindo assim, os quatro princípios da revisão criados duas décadas antes: continuar criando um espaço para o desenvolvimento do conhecimento; manter a mesma estrutura das edições anteriores; garantir que as classes designadas serão ocupadas por documentos e garantir a conveniência do seu uso. (LIN, 1998, p.116, tradução nossa).

A popularidade da CLC se alastrou pelas bibliotecas pela China, possuindo uma alta taxa de aderência, graças a sua interface simples e intuitiva (PRICE, 2012). Principalmente após adquirir notoriedade ao ganhar Prêmio Nacional de Avanço Científico e Tecnológico, em 1985 (ZHANG, 2003). Em 2003, o número de instituições adeptas a CLC já batia a casa dos 94% (ZHANG, 2003). Bibliotecas em outros países que compartilham o mandarim como idioma oficial adotaram a CLC como Taiwan, Singapura, Hong Kong e Macau. Foram criadas também aplicações para o japonês e coreano, e traduções de suas versões para o idioma, mongol e uigur (dialeto do sudoeste da China) (PRICE, 2012). Não por compartilharem da ideologia enraizada na classificação, mas sim por sua eficiência em seu campo. Também é creditado a CLC o rápido avanço da conectividade digital (PRICE, 2012). A CLC foi desenvolvida, a princípio, para atender bibliotecas de larga escala, entretanto, seu êxito tornou a criação de uma adaptação para atender bibliotecas de médio e pequeno porte inevitável (PRICE, 2012).

Até a década de 50, o sistema de classificação de Dewey (CDD) possuía certa influência sobre as classificações na China, mesmo havendo muitas mudanças e distanciamento, essa influência não foi

completamente apagada.

Apesar de limitar-se somente a poucos aspectos da taxonomia e ontologia (CHANG, 2012). Com o sucesso e alastramento da CLC e a preponderância da CDD no mundo, comparações entre ambas são inevitáveis.

Estruturalmente, uma das maiores diferenças entre a CLC e a CDD, além da notação, encontra-se na maneira como cada uma classifica literatura.

Sistema de Dewey classificando por idioma de composição, ou gênero, e se o período de autoria do criador literário for pertinente, então um período literário ou classificador de tempo pode ser adicionado. A classificação CLC Filologia enfatiza uma abordagem etnotaxonômica focando primeiro na região de autoria, seguido pela taxonomia de gênero. A classificação posterior consiste apenas em classificadores de período de tempo, resultando em muito menos uniformidade do que o CDD. (CHANG, 2012, p. 133, tradução nossa).

Essa discrepância entre a CLC e a CDD, somada a grande ênfase que a CDD dá a literatura inglesa (CHANG, 2012), tornou-se uma prática comum entre as bibliotecas que são adeptas ao sistema de classificação da CLC a utilizar a CDD como o sistema de classificação vigente para materiais estrangeiros.

3 Comentando a CLC e a CDD

A classificação na China, durante dois milênios, possuía uma contínua tradição em favorecer o elitismo, assim como acontece no ocidente. A existência de classificações do conhecimento que não reforcem e/ou solidifiquem a manutenção de uma supremacia elitista parece ser limitada. A popularidade da CDD, principalmente no Brasil, não é uma coincidência. A CDD surgiu em tempos de rápida industrialização e crescimento do capitalismo, na chamada Era do Progresso. Gregory e Higgins (2018) chegam a comparar a crescente criação e desenvolvimento de bibliotecas pelos Estados Unidos como proporcional e correspondente a ascensão do capitalismo corporativista. Dewey seguia uma estratégia taylorista, da maximização da economia do tempo gasto para processos, além de

comparar bibliotecas com uma empresa. Contrastando com a prioridade da CLC no seu nascimento, a ordenação das classes de conhecimento pareciam buscar a conscientização em aspectos político-sociais, com o intuito de libertar a classe operária.

Em todos os artigos utilizados para realizar essa pesquisa estão presentes duras críticas sobre a força da influência política e ideológica no modo de como a CLC classifica o conhecimento. É importante lembrar que o uso da crítica para diminuir países que não se encaixam em contextos políticos ideológicos favorecidos pelo ocidente, sem a realização da autoanálise, não é incomum. O peso ideológico presente na CLC não é proporcionalmente desigual ao presente na CDD. Mas ela é aumentada pelo medo da difusão da ideologia política comunista no ocidente. Comparar a CDD e a CLC torna-se um interessante exercício cultural.

Muitos estudos estão começando a surgir recentemente, como de Higgins (2016) e Gregory e Higgins (2018), principalmente na América do Norte, para debater sobre a influência ideológica capitalista e social presente na classificação de Dewey, bem como sua contribuição para a marginalização de certos grupos compostos por minorias. No Brasil, Freitas (2018) enfatiza que a literatura dedicada a trazer essas questões de limites culturais e políticos, ou, de análise da historicidade presentes na CDD é escassa, minimizando importantes debates.

Melvil Dewey, o criador da CDD, era de personalidade controversa, recebendo várias acusações de cunho racista, antisemita e até mesmo envolvendo casos de assédio sexual, vindas a público em uma reportagem do New York Times em 1905 (GREGORY e HIGGINS, 2018). Como criador solo da CDD, a influência desses pensamentos, sua religião e a ideologia de economia hegemônica americana são facilmente encontradas em seu esquema de classificação.

O exemplo mais reconhecido dessas predileções ideológicas é encontrado na classe 200 (Religião), onde existe uma quantidade de subclasses voltadas ao cristianismo completamente desproporcional a outras religiões, principalmente aquelas de origem africana. O protagonismo ocidental em várias outras classes da CDD é evidente, distanciando-se da imparcialidade e mais ainda da diversidade cultural. Higgins (2016) resumiu

o objetivo básico da primeira edição da CDD como o de organizar o conhecimento em 10 classes, como que uma espécie de base de visão de mundo do homem americano branco do século dezanove.

A CLC, em contraposição, teve algumas diferenças importantes, uma delas sendo a criação coletiva. A China, como o país de terceira posição em grandeza geográfica mundial, com diferenças regionais, possuindo colaboradores de diferentes lugares e culturas, trás diversidade para o projeto, diminuindo a propensão de uma única via de pensamento dominar a organização do conhecimento.

Ainda que a CLC não seja a primeira classificação criada com foco em uma organização do conhecimento estabelecida por uma perspectiva ideológica de esquerda, ela encontra seu protagonismo por ser a primeira classificação focada em ideologia de esquerda criada fora do ocidente. Seu esquema de organização do conhecimento a partir das teorias de Marx e dos pensamentos de Mao e Deng, ligados sequencialmente com Filosofia e Ciências Sociais cria uma lógica direta de disseminação ideológica de classe, distanciando-se do imperialismo cultural ocidental.

Somando a preocupação com a fácil compreensão do sistema pelo usuário, optando por manter a notação da forma mais simples e compreensível possível, a CLC demonstra que havia uma intenção de entregar algo popular e acessível para a população como um todo. Apesar disso, a preocupação em prezar e manter a integridade científica não é apagada. A revisão contínua do sistema tem demonstrado que mesmo com a influência ideológica comunista, não há uma pressão sobre os revisores em deixar de abolir categorias que não fazem mais sentido. Não há um medo da evolução. A CLC não tem menos valor científico por conta de sua visão diferente de mundo. Esses contrastes deveriam levantar mais debates sobre diferentes maneiras de se classificar o conhecimento do que ficar preso em preconceitos doutrinários.

Outro ponto importante da CLC foi colocar sua própria cultura como protagonista na organização do conhecimento, elemento que passa batido em países que utilizam sistemas de classificações, como a CDD, mas que não pertencem ao mesmo grupo cultural. Culturas diferentes dividindo os

lugares de destaque em uma classificação criam espaços para ampliar a abrangência do conhecimento em geral e outras particularidades representativas.

A disseminação e estudo dos sistemas de classificação no Brasil está limitada, focando-se somente em derivados vindo da América do Norte ou Europa. Há pouca literatura disponível sobre sistemas de classificação de outros países. Sem essa comparação, perde-se oportunidades de debates para melhorias dentro das bibliotecas brasileiras. Os estudos de Freitas (2018), Miranda (2007) e Silva (2018) demonstram o quanto a continuidade de se manter a CDD como classificação em bibliotecas brasileiras dificulta uma representação adequada à diversidade cultural encontrada no Brasil, minando a promoção do conhecimento.

4 CONCLUSÃO

Esse estudo apresentou parte da história da classificação bibliográfica no ocidente e na China, versou sobre o desenvolvimento da CLC, identificou suas principais influências políticas e teóricas e comentou sobre a CLC e CDD, estabelecendo uma provisória comparação entre ambas. Constatou que há pouca informação e literatura sobre classificações de outros países, especialmente fora do ocidente disponível em português ou debatida por pesquisadores brasileiros.

Conclui-se que após dois mil anos de experiência, a China parece ter finalmente encontrado sua própria voz e importância dentro do mundo da classificação bibliográfica. Depois de mais de 10 anos desenvolvendo a *Chinese Library Classification*, passando por períodos turbulentos, seus colaboradores foram capazes de elaborar uma classificação premiada, responsável por padronizar acervos através do extenso território da China. A CLC é considerada por estudiosos como Price (2012) e Zhang (2003) como uma das classificações bibliográficas mais abrangentes em existência atualmente, ela é bem vista pela sua estrutura simplificada e por sua constante busca para eliminar defeitos e atender os padrões e necessidades da ciência e do conhecimento. Mesmo com as críticas sobre haver um peso ideológico presente em sua distribuição de classes, é importante considerar que nenhum sistema de classificação está totalmente livre de interferências, seja ela cultural, política, étnica ou religiosa.

Porém, sempre devemos considerar que o conhecimento não deve ser visto através de uma única perspectiva, porque não somos os seus únicos detentores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969. 441 p. (Obras Didáticas; 1).

BU, S. **Chinese Library Classification (CLC)**. [S.l.]: ISKO, 2019. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/clc.htm>. Acesso em: 2 abr 2021.

CAMPOS, A. O nascer de uma utopia ainda e sempre o problema da classificação bibliográfica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, p. 15-19, 1973. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/19800/26301>. Acesso em: 11 abr 2021.

CHANG, Y.-W. A Comparison of Literature Classification Schemes in Dewey Decimal Classification and New Classification Scheme for Chinese Libraries. **Journal of Library and Information Science Research**, v.6, n.2, 2012. Disponível em: <http://morris.lis.ntu.edu.tw/ilisr/images/pdf/v6/6-2-4%20English%20Abstract.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2021.

CHENG, H. W. The Impact of American Librarianship on Chinese Librarianship in Modern Times (1840-1949). **Libraries & Culture**, v.20, p.372-387, 1991.

FOSKETT, A.C. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed.UnB, 1973.

GREGORY, L.; HIGGINS, S. Resistance to a Capitalist Past: Emerging Practices of Critical Librarianship. In: NICHOLSON, K. P.; SEALE, M. (ed.). **The Politics of Theory and the Practice of Critical Librarianship**. Sacramento: Library Juice Press, 2018. p. 21-38. Disponível em: https://inspire.redlands.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1061&context=oh_chapters. Acesso em 11 abr. 2021.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral as ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. corr. aum. Brasília, DF: IBICT; FBB, 1994. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1007>. Acesso em: 22 mar. 2021.

HIGGINS, M. Totally Invisible: Asian American Representation in the Dewey Decimal Classification, 1876- 1996. **Knowledge Organization** v. 43, n.8, p. 609-

621, 2016. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_43_2016_8_d.pdf. Acesso em: 8 abr. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo:Atlas, 2010.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LIN, S.C. **Libraries and Librarianship in China**. Connecticut: Greenwood Press, 1998.

PIEDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PRICE, L. Evaluating the Past, Present and Future of Chinese Library Classification (CLC). **Humanities Commons**, 2012. Disponível em: <https://hcommons.org/deposits/item/hc:33065/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SALES, R. de. A Classificação de Livros de William Torrey Harris: influências de Bacon e Hegel nas classificações de biblioteca. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n.50, p. 188-204, set./dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p188/34703> . Acesso em: 3 abr. 2021.

SILVA, Marcio Ferreira da. **A questão da representação das religiões de matriz africana na CDD**: uma análise crítica da umbanda. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154433/silva_mf_dr_mar.pdf?sequence=3 . Acesso em: 11 abr. 2021.

SOUSA, B. P. de; FUJITA, M. S. L. A classificação bibliográfica no contexto do tratamento temático da informação: um estudo com o protocolo verbal individual em bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF's). **Revista ACB**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 796-813, set. 2013. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/868>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOUZA, H. P. de. O sentimento anti-Japão na China: origens, estímulos e consequências. **Carta Internacional**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 126–149, 2017. DOI: 10.21530/ci.v12n2.2017.633. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/633>. Acesso em: 23 mar. 2021.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Disponível em: <https://pagotto.files.wordpress.com/2018/09/pesquisa-qualitativa-tecnicas-e-procedimentos.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TSIEN, T.-H. A History of Bibliographic Classification in China. **The Library Quarterly: Information, Community, Policy**, v. 22, n. 4 p.307-24, 1957. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4304148>. Acesso em 6 mar. 2021.

ZHANG, W. Classification for Chinese (CCL): Histories, Accomplishments, Problems and Its Comparisons. **Journal of Educational Media & Library Science**, v. 41, n. 1, p. 1-22, 2003. Disponível em: <http://joemls.dils.tku.edu.tw/fulltext/41/41-1/1-22.pdf>. Acesso em 6 mar. 2021.

WANG, J. **Dangdaizhongguo de wenzigaige** (Language reforms in modern China). Beijing: Dangdaizhongguochubanshe, 1995.